



# Comunicação Comunitária: Relatos da Vila Kennedy por Meio do Audiovisual\*

Carlos Sanchotene<sup>1</sup>, Bruna Guehm<sup>2</sup>, Pedro Corrêa<sup>3</sup>, Victória Papalia<sup>4</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: carlos\_sanchotene@yahoo.com.br

**\* Community communication: Vila Kennedy reports through audiovisual**

---

## Resumo

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II por três alunos do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano. O principal objetivo foi produzir um documentário audiovisual com a comunidade da Vila Kennedy, localizada na região norte da cidade de Santa Maria - RS. O vídeo foi desenvolvido por meio da participação dos moradores que contaram suas histórias. Assim, buscamos evidenciar o sentimento de pertencimento e mobilizar a comunidade em prol de um bem comum.

## Palavras-chave:

comunicação comunitária; audiovisual; Vila Kennedy.

## Abstract

This work was developed in the discipline of Extension Project in Community Communication II by three students of the Journalism course of the Centro Universitário Franciscano. The main objective was to produce an audiovisual documentary with the community of Vila Kennedy, located in the northern region of the city of Santa Maria - RS. The video was developed through the participation of the residents who told their stories. Thus, we seek to highlight the feeling of belonging and mobilize the community for the sake of a common good.

## Keywords

community communication; audio-visual; Vila Kennedy.

---

<sup>1</sup> Pós-doutor em Comunicação (UFSM). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS). E-mail: carlos\_sanchotene@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduada em Jornalismo. E-mail: brunaguehm@outlook.com

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo. E-mail: pedro.correa1994@gmail.com

<sup>4</sup> Graduada em Jornalismo. E-mail: vick-souza@hotmail.com

## Introdução

Este trabalho começou a ser elaborado no segundo semestre do ano de 2014 e no primeiro semestre de 2015 foi colocado em prática, na disciplina de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária II. O objetivo foi produzir um documentário audiovisual na comunidade da Vila Kennedy, localizada no bairro Salgado Filho, região norte da cidade Santa Maria - RS.

Este trabalho justifica-se pela intenção de projetar as peculiaridades a serem exploradas e mostradas para a comunidade. O grupo enxergou na Kennedy uma excelente oportunidade de quebrar o paradigma que a grande mídia impõe de violência. Assim, a comunidade vai se sentir protagonista no seu território, além de contribuir para que a Vila seja mais conhecida.

A produção de um documentário audiovisual constituiu-se em observar o dia-a-dia na comunidade e mobilizá-la através do envolvimento com o vídeo, a fim de engajar o indivíduo com o seu meio. Foi decidido pelo grupo que a abordagem dos cases<sup>5</sup> escolhidos para participar seria feita de forma aleatória.

O objetivo disso foi abordar as pessoas nas ruas, apresentar o projeto e indagar sobre o interesse em participar. Para desenvolver o artigo foram necessários conhecimentos sobre os conceitos de comunidade, comunicação comunitária, mobilização e audiovisual. Foram escolhidos cinco cases para contarem essa nova história que seria documentada.

## Recortando histórias: Vila Kennedy como protagonista

A Kennedy tem mais de 50 anos - anteriormente chamada de Cohab Kennedy - e iniciou com a construção de casas nos terrenos do município. Construídas por meio da invasão de terrenos, hoje conta com mais de cinco<sup>6</sup> mil habitantes. Ela está localizada no Bairro Salgado Filho - região norte - no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul. A unidade residencial urbana que limita ao norte com as Ruas Manuel Antunes Martins e Otelo Rosa; a leste, com a Rua "I" da Vila Brasília, ao sul com a Rua Francisco Brochado da Rocha e ao oeste com a Avenida Borges de Medeiros.

Através de uma visita pelas ruas da comunidade, o grupo pode notar a presença de muitos jovens - entre 10 e 16 anos - nas esquinas das praças realizando atividades físicas em um campo de futebol. Durante o dia, o bairro parece calmo, com muitos moradores sentados à frente de suas casas - na sombra das árvores.

A Kennedy também possui um posto de saúde que atende a região. Apesar de alguns tratamentos precários, os moradores afirmam ter um bom atendimento, mas requerem uma melhor estrutura. Nos finais de semana, ocorrem jogos esportivos no campo de futebol, reunindo um número significativo de pessoas para prestigiar e participar.

À noite, os jovens ainda estão presentes nas ruas, muitas vezes, escutando músicas através de aparelhos celulares. Foi possível visualizar os moradores, no fim da tarde, em frente as suas casas tomando chimarrão em companhia dos parentes. Os bares e distribuidoras aos arredores são bastante movimentados, principalmente nos dias quentes e aos finais de semana.

---

<sup>5</sup> São casos, histórias contadas por pessoas.

<sup>6</sup> Dado concedido pela presidente do Centro Comunitário da Vila Kennedy, Mirian Noronha.

O grupo escolheu a Kennedy pelo fato de não haver muitos trabalhos comunitários realizados no local. É notável a presença de certo preconceito de quem não conhece a comunidade. Desse modo objetivamos recortar as histórias dos moradores para mostrar um outro olhar da comunidade sobre ela mesma.

## Costurando conceitos

Para se projetar na comunidade, foi preciso estudar e entender alguns conceitos primordiais. Segundo Palacios (2001), o sentimento de pertencimento é fundamental para a definição de comunidade. Porém, a localização não é crucial, pois é possível pertencer à distância.

As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, coresponsabilidade e caráter cooperativo (PALACIOS, 2006, p.14).

A partir disso, apesar da localização ser necessária não é suficiente para determinar uma comunidade. Sendo assim, de acordo com Palacios (2001) apud Peruzzo (2006), comunidade é uma área de vida em comum. Tem que haver interesses e objetivos em comum de um grupo de pessoas, independente da sua localidade.

Quando se fala em comunidade, é importante fazer com que as pessoas sintam essa sensação de pertencimento. De acordo com Mombelli (2012), a apropriação e participação “constituem-se nos pilares que sustentam o conceito de comunidade, assim como a representação social que é tomada e construída a partir dela”. Logo, por meio do audiovisual foi possível identificar este sentimento. Os entrevistados se sentiram como parte da comunidade – “Eles pertencem a ela”. Para Bauman (2003), o termo comunidade já é ligado a uma sensação positiva.

As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma dessas. Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar em comunidade (BAUMAN, 2003,p.7).

Neste cenário atual, onde as novas tecnologias invadiram todos os âmbitos, o sentimento de pertencimento foi uma característica marcante no processo do trabalho com a comunidade, para que os moradores estabeleçam uma interação íntegra e completa na participação do projeto.

Com isso, para existir comunicação dentro da comunidade é preciso que as pessoas que pertencem a ela se envolvam nos projetos e busquem o melhor para a comunidade. Assim, com organização e ajuda mútua a comunicação comunitária começa a funcionar e trazer resultados significativos para a comunidade. Segundo Peruzzo (2006), a comunicação comunitária é algo novo e que vem se desenvolvendo ao longo dos anos.

A comunicação comunitária se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de educação, cultura e ampliação da cidadania. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de emissor e difusor de conteúdos (PERUZZO, 2006, p.9-10).

A fim de mobilizar a comunidade a participar do projeto e desencadear o interesse de contar as suas histórias, o vídeo-documentário foi uma estratégia traçada para dialogar com a comunidade da Kennedy sem parecer invasivo. Segundo Barcelos (2009), destacaram-se como propósitos dessa interação a realidade do local e, assim, fomentar a participação da comunidade. Além de sistematizar as percepções da própria comunidade, em questão a sua compreensão sobre o espaço em que elas vivem promovendo reflexão e cidadania.

De acordo com Henriques (2005), podemos compreender a mobilização social como “a reunião de sujeitos que pretendem resolver problemas e transformar uma dada realidade, em relação a uma causa que possa ser considerada de interesse público”.

Os interesses e necessidades dos próprios grupos a que pertencem ou ao participarem de organizações e movimentos comprometidos com interesses sociais mais amplos, acabam inseridas num processo de educação informal que contribui para a elaboração - reelaboração das culturas populares e formação para a cidadania. (PERUZZO, 2002, p.2).

Com isso, a ideia do bem comum surge para mobilizar a comunidade a interagir e proporcionar a ela um aconchego de que elas pertencem a aquele lugar e lá aconteceram histórias que valem a pena serem contadas e recordadas. Neste processo, é necessário manter o diálogo com a comunidade para criar vínculos com as pessoas que estão engajadas no projeto. Para Henriques (2002), mais do que informar, a ação comunicativa tem a função de criar e manter vínculos, uma interação própria com e entre os seus públicos, através do compartilhamento de sentidos e de valores, assumindo, portanto um caráter pedagógico. Dessa forma, com os vínculos já criados a participação efetiva do público para com o projeto possibilita uma maior proximidade com a comunidade, fazendo assim, o trabalho proporcionar um ambiente mais intimista e natural.

Ainda para Henriques (2002), mobilizar é mais do que criar vínculos, mas apresentar a comunidade os problemas, compartilhar os objetivos, fomentar nas pessoas a vontade de fazer parte da solução para que as coisas funcionem bem para todos.

## **Do papel para a prática: gravação dos depoimentos**

O produto audiovisual foi desenvolvido em parceria com a TV OVO<sup>7</sup>, uma associação sem fins lucrativos que, segundo Mombelli y Rosa (2012), visa discutir a formação das identidades culturais contemporâneas e o exercício da cidadania comunicativa.

O objetivo de retratar a comunidade pelo olhar dela mesma lembra o significado de “comunicação do povo, feita por ele e para ele, por meio de suas organizações e movimentos emancipatórios visando à transformação das estruturas opressivas e condições desumanas de sobrevivência” (PERUZZO, 2006, p.2)

Sendo assim, fomos observar a comunidade a fim de obter conhecimento da realidade da mesma. Conforme Cruz Neto (1994, p.51), “o trabalho de campo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também de criar um conhecimento, partindo da realidade presente no campo”.

---

<sup>7</sup> A TV OVO é uma associação sem fins lucrativos criada em 1996 e disponibiliza um espaço importante na formação audiovisual de jovens, na produção de vídeos comunitários e de curtas-metragens e no registro da memória santa-mariense. Site da instituição, disponível em <<http://tvovo.org/quem-somos/historico/>> Acesso em: 17 de junho de 2015.

Durante o trabalho de campo, visitamos a rádio comunitária ComNorte, localizada na vila e andamos pelas ruas a fim de estabelecer um contato visual e conhecer os principais pontos de encontro entre os moradores, como a praça e o campo de futebol.

Essa imersão ao campo foi importante para podermos desenvolver o roteiro do produto audiovisual. Primeiro, elaboramos um roteiro de perguntas para os entrevistados. Essa escolha deve-se ao fato de que ela é a ferramenta mais usual para o trabalho de campo. De acordo com Cruz Neto (1994):

Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. (CRUZ NETO, 1994, p.57).

Foi desenvolvida uma entrevista semi-estruturada de perguntas previamente articuladas, na qual “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada” (GIL, 1999 apud AGUIAR; MEDEIROS, 2009, p. 3).

As questões são referentes aos relatos pessoais de experiência da comunidade. Para Cruz Neto (1994) essa abordagem se encaixa na categoria história de vida tópica, uma estratégia de compreender a realidade mediante etapas vivenciadas pelo morador.

O roteiro da entrevista conteve cinco questões:

- Qual a lembrança mais antiga que você tem sobre como era a Vila Kennedy?
- O que mudou?
- Quais as suas atividades na vila que envolvem demais moradores?
- Conte-nos algumas histórias vivenciadas por você na vila.
- O que falta para a Vila Kennedy melhorar?

Na última questão, o objetivo foi provocar uma reflexão sobre os direitos do cidadão na comunidade. De acordo com Mombelli y Rosa (2012),

Os sujeitos refletem, problematizam e dão visibilidade ao seu cotidiano, tornando-se autores de sua história e constituindo novos sentidos para suas vidas. Trabalhar questões como direitos e deveres relacionados as suas realidades dando visibilidade por meio do audiovisual. (MOMBELLI, 2012, p.10).

De início, pretendeu-se utilizar dez cases para participar do projeto. O pouco tempo permitido na extensão do vídeo reduziu pela metade o número de participantes para possibilitar a reprodução das respostas de cada um deles. Para o audiovisual, seria preciso o relato de moradores antigos da comunidade, para trabalhar com o contexto histórico da vila.

A busca pelos cases participantes ocorreu em duas visitas à Kennedy. Na primeira delas, dois integrantes do grupo abordaram as pessoas nas ruas e, após fazer uma breve explanação sobre o projeto, convidaram-nas para uma conversa informal frente às câmeras.

O primeiro contato direto com as pessoas da comunidade não garantiu a participação de, sequer uma delas, no projeto. Já no segundo momento, utilizou-se da estratégia da recomendação entre os próprios integrantes da Vila. Estabeleceu-se o contato com um que recomendou outro, e a partir dessa ponte de um contato credível, houve uma aproximação e sentimento de confiança.

Cinco membros antigos da comunidade aceitaram participar do audiovisual “Vila Kennedy e Suas Histórias”. Os participantes foram Eva Marques Palmeira, aposentada; José Carlos Pereira Inácio, pastor; Tereza Beatriz Guerque Ribeiro, professora; Donato Pinheiro, aposentado; Ademar Diniz Santana de Souza,

comerciante. Vale salientar que não houve a ambição de fornecer, através dos depoimentos dos moradores no audiovisual, um relato exato da realidade da comunidade, pois se sabe que campo de pesquisa é o recorte que o pesquisador faz em termos de espaço, segundo Mynayo (1994) apud Neto (1994, p.53).

## Vila Kennedy e suas histórias: produção do audiovisual

O audiovisual serve como fermenta para mostrar a comunidade para ela mesma, não perdendo, assim, sua identidade. Com o documentário, produzimos o efeito de aproximação, familiaridade com a vila. Através da imagem e do som é possível mostrar as diferentes faces da vila e o modo de pensar e viver a comunidade de cada morador. Conforme Pires (2010), a tecnologia é uma grande aliada nesse processo:

Em uma sociedade midiaticizada, deparamo-nos não apenas com diferentes “saberes”, mas com múltiplas formas de mediação e difusão desses saberes. Consequentemente são modificados os modos de aprender relativos a esses saberes. Vale ressaltar que, no atual momento civilizatório, a tecnologia não agrega somente novos artefatos e novos modos de fazer, introduz também outra dinâmica em que o tempo e o espaço são reelaborados, produzindo novas formas de relacionamento entre as pessoas. (PIRES, 2010, p3).

No documentário, não foi utilizado *off*<sup>8</sup>, apenas os relatos dos moradores que forneceram, mediante a própria experiência, informações sobre o passado da comunidade até o tempo atual. Por mais diferente que as histórias sejam, todas elas, de alguma maneira, estão interligadas. Para Mombelli (2012), cada integrante do grupo carrega consigo sua bagagem e crenças. Sendo assim, cada um vai entender e recortar a realidade retratada.

A discussão não se esgota nesses aspectos, pois cada grupo pode entender o conceito de comunidade de maneira diferente, da forma que melhor traduzir a sua realidade. Independente dos significados sabe-se que a comunidade é fonte de identidade. (MOMBELLI, 2012, p. 6).

No vídeo, as respostas dos cases foram costuradas conforme o tema e intercaladas com imagens da vila. A intenção era resgatar a identidade local. Então, por meio do audiovisual, surgiu a possibilidade de uma apresentação mais detalhada e íntima com a comunidade. O som ambiente em alguns trechos, as imagens e as histórias contadas pelos moradores foi a estratégia utilizada para mostrar essa aproximação. O audiovisual foi a melhor forma de evidenciar para Kennedy, curiosidades e histórias que, talvez, não sejam percebidas pelos moradores.

A abordagem que assegurou a participação dos moradores no audiovisual foi realizada por uma integrante do grupo responsável pelo projeto e um *cameraman*<sup>9</sup>. A gravação não foi agendada com os cases. À medida que eles aceitavam participar, eram equipados com um microfone acoplado à roupa e, em seguida, respondiam as questões com o olhar direcionado à entrevistadora. A proposta era de que a entrevista não exigisse alguma preparação por parte do morador, e o audiovisual demonstra isso, ao exibir os moradores em suas atividades do momento, como na rua, em frente a suas casas, para mostrar também a rotina

---

<sup>8</sup> Texto narrado pelo repórter em cima de imagens.

<sup>9</sup> Operador da câmera, cinegrafista.

deles. Algum se quer mudou a posição física para responder as perguntas.

Na edição do audiovisual, o grupo optou por cortar a pergunta sendo feita ao entrevistado, de forma que somente a resposta do morador fosse evidenciada. A participação de cada um foi dividida em respostas, e essas foram exibidas de maneira intercalada, ou seja, a participação de um case não entrou para o audiovisual de forma completa, mas, mediante os componentes do grupo, foram escolhidas as respostas com mais informações para cada tema. Dessa forma o ator social ia e vinha da tela, entre os outros participantes.

Ao analisar a fala de cada entrevistado, o grupo se manteve preocupado em não distorcer a realidade, interferir o mínimo possível, a fim de que não se perdesse a essência do projeto. Segundo Pires (2010), o vídeo fica mais democrático quando se mostra aberto para intervenção do espectador mesmo com os recortes de edição que serão feitas depois. Para ela, o audiovisual colabora para uma troca de diálogo que não é comum nos demais meios de comunicação.

Pires (2010, p.4) afirma que nos dias atuais, “o modo como nos apropriamos das imagens técnicas pode redefinir os modos de ver e de ser visto, a nossa própria maneira de entender e lidar com os meios, ou de reinventá-los”. Desta forma, todas as imagens e sonoras foram selecionadas pelo grupo foi a fim de que não se reinventasse a Kennedy, apenas fizesse os moradores apresentar a comunidade para ela mesma.

**Figura 1** - Vídeo-documentário "Vila Kennedy e suas histórias" foi exibido para a comunidade no dia 15 de junho de 2015.



Foto: Victória Papalia - Laboratório de Fotografia e Memória/UNIFRA

Entre as estratégias utilizadas para convocar o público a assistir a produção audiovisual estão: cartazes<sup>10</sup> espalhados pela comunidade, distribuição de *folders* e

<sup>10</sup> Conteúdo na íntegra: “Você está convidado para assistir o audiovisual ‘Vila Kennedy e suas histórias’, com a participação dos moradores da comunidade. A exibição será nessa segunda-feira, dia 15, no salão da Comunidade Messiânica Nova Geração às 19h. Esperamos você”.



promocional<sup>11</sup> na rádio comunitária ComNorte. O grupo também visitou cada morador que participou do vídeo.

“Vila Kennedy e suas histórias” foi exibido no salão da Comunidade Messiânica Nova Geração, no dia 15 de junho. Em parceria com a TV OVO, foi exibido um segundo documentário, chamado: “Trilhos do Itararé”.

Após a exibição, o grupo recebeu o *feedback*<sup>12</sup> de alguns moradores que compareceram na exibição. Alguns se identificaram com o documentário, se sentiram representados e familiarizados com o que foi retratado.

Constatamos, assim, que o objetivo de retratar a comunidade para ela mesma atingiu o resultado esperado e os moradores enxergaram a Kennedy como ela é, porém, com um olhar que pode passar despercebido pela correria do dia a dia.

## Considerações finais

Um dos maiores desafios durante o trabalho foi romper com a comodidade e buscar conhecer uma nova realidade. O grupo precisou dedicar tempo na observação e tentativa de vínculo com os moradores a fim de obter um discurso sincero nas entrevistas. Encontrar pessoas com o sentimento de pertencimento também foi desafiador. Foram poucos os moradores que aproveitaram a oportunidade de exercer a cidadania por meio do projeto audiovisual.

A partir do projeto, os componentes do grupo, de certa forma, se familiarizam com a comunidade. Na entrega dos convites para a exibição, os moradores já reconheciam e se comunicavam amigavelmente com os responsáveis pela ação. O aprendizado no desenvolvimento do projeto se deu com a troca de experiências e o conhecimento de uma realidade pouco demonstrada pelos grandes meios de comunicação da cidade de Santa Maria.

Para a realização deste trabalho, o entendimento dos conceitos teóricos sobre comunidade, pertencimento, jornalismo comunitário, entre outros, foram essenciais. O audiovisual foi apresentado de forma atrativa: o morador seria o protagonista do projeto e a ação acarretaria mudanças à comunidade pela visibilidade do vídeo.

O grupo observou o contentamento dos moradores no dia da mostra do audiovisual, que se consideraram bem representados pelos cinco moradores. A realidade da comunidade -aspectos históricos, necessidades atuais e as experiências pessoais vivenciadas – foi registrada e mostrada a ela mesma. Sendo assim, os objetivos de se obter informações desse determinado grupo por meio dos relatos, dar visibilidade à comunidade pela disponibilização do vídeo nas redes sociais e ainda possibilitar o exercício da cidadania na participação do audiovisual foram alcançados com êxito.

Por fim, entendeu-se que o vídeo-documentário “Vila Kennedy e suas histórias” estabeleceu uma ligação forte com os moradores, além de mobilizar o restante da comunidade em prol de um bem comum. Afinal, este foi o propósito do projeto, evidenciar por meio dos depoimentos o sentimento de pertencimento dos moradores da Kennedy.

---

<sup>11</sup> Conteúdo na íntegra: “Nessa segunda-feira, dia 15, haverá a exibição do vídeo “Vila Kennedy e suas histórias” com a participação dos moradores da comunidade. O vídeo será exibido no salão da Comunidade Messiânica Nova Geração às 18h. Toda a comunidade está convidada para assistir. A entrada é franca.”

<sup>12</sup> Retorno do público sobre o audiovisual.



## Referências

AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano; MEDEIROS, Claudio Melquiades. **Entrevistas na pesquisa social: o relato de um grupo de foco nas licenciaturas**. XI Congresso Nacional de Educação – EDUCURE. Paraná, 2009. Disponível em < [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041\\_1475.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041_1475.pdf)> Acesso em 18 de junho de 2015.

CRUZ NETO, Otávio. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Capítulo III, p. 51-66. Amazonas, 1994.

PERUZZO, Cecília Maria Krohling. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília, 2006. Disponível em: < <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf>> Acesso em 5 de junho de 2015.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social**. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < [http://www.unifra.br/professores/rosana/marcio\\_henriques.pdf](http://www.unifra.br/professores/rosana/marcio_henriques.pdf)> Acesso em 2 de junho de 2015.

MOMBELLI, Neli Fabiane; ROSA, Rosane. **A construção de identidades juvenis por meio do audiovisual: caso TV OVO**. Razón y Palabra. México, 2012. Disponível em: < [http://www.razonypalabra.org.mx/N/N80/M80/14\\_FabianeRosa\\_M80.pdf](http://www.razonypalabra.org.mx/N/N80/M80/14_FabianeRosa_M80.pdf)> Acesso em 10 de junho de 2015.

PIRES, Eloiza Gurgel. **A experiência audiovisual nos espaços educativos: possíveis interseções entre educação e comunicação**. Educação e Pesquisa. São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a06v36n1.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2015.

HENRIQUES, Márcio Simeone (org). **Comunicação e estratégia de mobilização social**. Belo Horizonte: Gênese, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Editor, 2003. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/16547/14492>> Acesso em 19 de junho de 2015.

PALACIOS, Marcos. **O medo do vazio: comunicação, socialidade e novas tribos**. Salvador: Ufba, 2001.